

A evolução da teoria e prática psicanalítica: da experiência de Freud aos dias de hoje*

Arnaldo Chuster**, Rio de Janeiro

O autor parte do legado da técnica, a enorme experiência acumulada através da principal teoria psicanalítica, ao mesmo tempo sinônimo e razão de ser da prática clínica: a transferência. Aborda o tema através do conceito de objeto da psicanálise, entendido como o produto final do desenvolvimento teórico-clínico que estabelece o campo da singularidade onde o analista trabalha, ou seja, a expressão de como e em que material o analista escuta, constrói e aplica suas interpretações. Trata-se da forma como o analista concebe e constrói a transferência, enquanto mantém um referencial crítico. Menciona rapidamente algumas das diferenças entre os diversos autores, concentrando-se, entretanto, no que é o objeto da psicanálise para W. R. Bion, autor que considera representar uma importante quebra de paradigma na evolução da prática e da teoria psicanalítica. Agrega também contribuições de Donald Meltzer, igualmente presentes na prática clínica do autor.

Descritores: Bion. Objeto da psicanálise. Transferência. Técnica psicanalítica. Meltzer.

* Trabalho apresentado na Conferência Internacional de Clínica Psicanalítica. *Psicanálise: singularidade e diversidade*. Evento comemorativo dos 150 anos de Freud, Rio de Janeiro, 2006.

** Membro Efetivo e Didata da Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro – APERJ – Rio-4.

Introdução

Como era o trabalho de Freud? Em que consistiam suas interpretações? E como trabalhavam seus contemporâneos como Ferenczi, Abraham, etc.? E os pós-freudianos mais conhecidos como Melanie Klein, Winnicott, Lacan, Bion, etc.? Qual foi o avanço que introduziram, que evoluções produziram? E em que ponto estamos hoje? Continuamos evoluindo? Quem, interessado em psicanálise, mais de uma vez não se formulou tais questões, seja no período de sua formação ou no decorrer da prática? E, se elas não continuassem sendo tão importantes, obviamente não haveria um encontro tão significativo como o de hoje, patrocinado pela Associação Brasileira de Psicanálise (ABP) e apoiado pela International Psychoanalytical Association (IPA).

Mas o que é realmente importante nestas questões? No meu entender é, de um modo geral, o *legado da técnica*, a enorme *experiência* acumulada através da principal teoria psicanalítica, ao mesmo tempo sinônimo e razão de ser da prática clínica: a *transferência*.

No presente trabalho abordarei o tema através do conceito de *objeto da psicanálise*. Entendo por *objeto da psicanálise* o produto final do desenvolvimento teórico-clínico que estabelece o campo da singularidade onde o analista trabalha, ou seja, a expressão de como e em que material o analista escuta, constrói e aplica suas interpretações. Em outras palavras, trata-se da forma como o analista concebe e constrói a *transferência*, enquanto mantém um *referencial crítico*. Todavia, investigar as diferenças entre diversos autores consiste num trabalho imenso, envolve a enorme experiência teórica e clínica que se acumulou desde a criação da psicanálise e implica em discorrer sobre as inúmeras divergências que se formaram por causa desse conhecimento. Portanto, pelo seu aspecto extensivo, fogem às características de uma apresentação como esta. Em função disto, só mencionarei rapidamente algumas destas diferenças e me concentrarei no que é o *objeto da psicanálise* para W. R. Bion, pois, na minha experiência, esse autor representou uma importante quebra de paradigma na evolução da prática e da teoria psicanalítica. Agrego também contribuições de Donald Meltzer, igualmente presentes em minha prática clínica.

O objeto psicanalítico: a busca pelo psíquico

O objeto da psicanálise para Bion é o *objeto psicanalítico*¹, conceito expresso inicialmente pela fórmula quasi-matemática, $\{\psi(\xi) (\pm Y) (M)\}$ que significa o seguinte: a *pré-concepção* $\psi(\xi)$ ² realiza-se no espectro de desenvolvimento *narcisismo* \Leftrightarrow *social-ismo* $(\pm Y)$ sob a égide da *complexidade* (M) inerente a um organismo biológico³ (Bion, 1962a).

A pré-concepção (1962b) pode ser entendida como a raiz do inconsciente. Seu movimento ocorre desde a vida intra-uterina, como uma espécie de vaga expectativa de que no futuro existe à espera um objeto *psiquicamente* gratificante e acolhedor, de características grandiosas, capaz de preencher a natureza incompleta do humano. Essa expectativa básica, que persiste ao longo de toda a vida, pode ser chamada de *inocência originária*, e sua frustração gera uma *culpa originária* (tal como é descrito, por exemplo, no gênesis e nos mitos de origem presentes nas mais diversas culturas). Isto é, no início da vida, as realizações da pré-concepção se satisfazem facilmente e de forma imediatista com crenças e mitos e resultam no aspecto arraigado e sem síntese alguma das primeiras experiências.

Embora as crenças religiosas e os mitos de imortalidade e as crenças de um modo geral não percam seu apelo forte ao longo da vida, a pré-concepção, evolutivamente, é a base de todos os demais pensamentos, do aprendizado com a experiência e da criatividade.

Em termos da experiência do bebê, podemos dizer que a pré-concepção começa realizando-se por linguagem analógica (sintônica) com as qualidades do meio intra-uterino. Tal sintonia singulariza⁴ a expectativa para o encontro, após cruzar a cesura do nascimento, com um seio acolhedor capaz de atender (realização)

¹ O conceito surgiu em *Learning from experience*. (1962b).

² O sinal ψ representa a constante, o sinal (ξ) representa o elemento não-saturado que determina o valor da constante uma vez identificada.

³ É de se ressaltar a notável intuição do autor, antecipando em 1962-1963 a teoria da complexidade, que só se desenvolve na Física a partir do final dos anos 80.

⁴ Fatores determinantes na singularidade da pré-concepção podem ser chamados de invariantes. Elas são o que garante o reconhecimento das características de um material quando existe mudança de meio. Tal como é a mudança do meio líquido intra-uterino para o meio gasoso da vida extra-uterina. As invariantes, como na matemática, são *objetos vazios*, *conceitos vazios*, ou *formas puras* sem nenhuma saturação com a realidade do mundo. Essas formas podem ser comparadas a janelas sem paisagem, ou janelas que aguardam uma paisagem para preenchê-las. Em outras palavras, são como *molduras* daquilo que no futuro, no mais além da cesura do nascimento, serão as paisagens da vida por um determinado vértice. Essas molduras são formadas essencialmente pelos ritmos repetitivos do ambiente intra-uterino (coração, bexiga, intestinos) e por alguns outros de funcionamento marcante que trazem logo ao bebê o mundo social à sua volta; temos então molduras olfativas, auditivas e proprioceptivas, que são muito mais importantes do que as visuais. O que mais tarde se denomina de intuição é a capacidade variável de indivíduo para indivíduo para captar esses ritmos e transformá-los em uma interpretação.

(Bion, 1962a) de forma idêntica ao útero: amar, alimentar, proteger, possibilitar o desenvolvimento, acolher a dor e tudo isto de forma perfeita, sem falhas. Agregando-se à expectativa do seio, existe a expectativa simultânea de que, por trás do seio, existe um casal de pais sexualmente unidos garantindo seu funcionamento (pré-concepção edípica) (Bion, 1963); por trás dos pais uma sociedade que lhes dá suporte e por trás da sociedade uma mente criativa genial gerando soluções para as frustrações que vão ocorrendo nos distintos níveis. Como resultado destas realizações vai surgindo a linguagem digital (simbólica) que organiza o sistema psíquico. As realizações se distribuem simultaneamente para ambas as direções do espectro de desenvolvimento *narcisismo* \leftrightarrow *social-ismo* (Bion, 1959, 1965, 1992), determinando o tipo de concepções (Bion, 1962a) (pensamentos em geral) que se instala.

Por sua vez, o espectro de desenvolvimento *narcisismo* \leftrightarrow *social-ismo* ($\pm Y$) (Bion, 1962b) pode ser visualizado através de um corte longitudinal que revela quatro níveis de realizações: *crer*, *pensar*, *aprender da experiência*, *criar*.

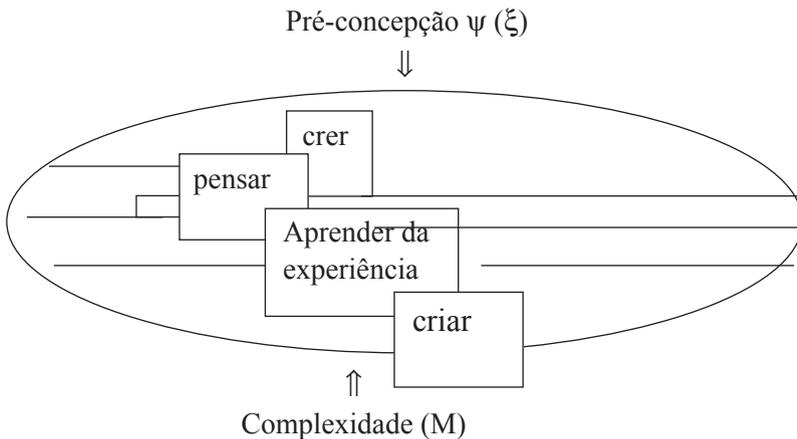


Gráfico 1: Complexidade (M). Níveis de realização da pré-concepção no espectro narcisismo – social-ismo (Chuster, 2005).

Ou seja, se tudo que chega à mente primitiva se estabelece de imediato como pensamento-crença (valor verdade), a menos que se possa pensar nessa realização – *pensar os pensamentos* – não será possível *aprender da experiência*. Mas, se for possível pensar os pensamentos, será possível aprender da experiência e daí será possível exercer a criatividade. É de se salientar que, estando uma realização mais propensa ao pólo narcísico, mais dificuldades haverá para pensá-la, ocorrendo o contrário quando a realização tende mais para o pólo social-ista. Note-se também

que, quanto maior o *espaço mental* ocupado pela crença, menor se torna o *espaço mental* dos outros níveis.

O objeto psicanalítico aplica-se em três domínios através dos quais é percebido e tem a possibilidade de ser captado e interpretado: *sentidos* (corpo), *mitos* (teorias) e *paixões* (sentimentos) (Bion, 1963, 1992). Integrando os três domínios, emerge a interpretação psicanalítica através de uma linguagem que se constitui de *transformações psicanalíticas* (Bion, 1965), que se espera sejam capazes de gerar *transformações em O*⁵ (Bion, 1965). Trata-se da *language of achievement* (Bion, 1970).

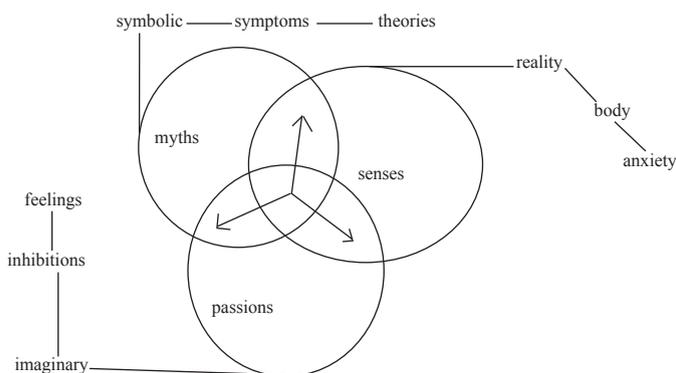


Gráfico 2: Objeto psicanalítico na intersecção das três áreas de aplicação e fenomenologia associada (Chuster, 2005).

No entanto, para que o analista possa obtê-la, é preciso que tenha uma *matriz amorosa* em seu trabalho, que se trata do *amor à verdade* (característica que também implica numa extensa discussão). Caso contrário, o analista ficará rapidamente insatisfeito com as inúmeras restrições que a profissão traz e será muito difícil trabalhar de forma integradora os três domínios.

Quando ocorre, na captação do analista, uma dissociação dos domínios, a possibilidade mais comum é que ele recorra a teorias racionais, baseando-se simplesmente em diagnósticos (saber pré-construído) e produzindo o que se pode chamar de interpretações intelectualizadas ou doutrinárias em psicanálise.

Em outros momentos, um material muito primitivo pode ser captado apenas pelo domínio dos sentidos (o corpo), gerando algum tipo de desconforto físico que

⁵ Transformações que permitem chegar-se a ser o que se é. O significado adquirido torna-se o Ser do sujeito em questão.

o analista simplesmente pode ignorar ou vivenciar como ansiedade difusa, ficando paralisado ou sonolento.

Uma terceira possibilidade freqüente é a captação do material trazido pelo analisando apenas com os sentimentos (domínio das paixões). Isto inibe seu trabalho interpretativo com atuações ou gera interpretações mirabolantes (megalomaníacas) (Chuster, 2005).

Breves considerações sobre as diferenças entre alguns autores

O objeto da psicanálise em Bion é distinto de Freud, para quem o objeto da psicanálise é o *superego* (Freud, 1923), também distinto de Melanie Klein, para quem o objeto da psicanálise são os *objetos internos* (Klein, 1935), e distinto de Lacan (1955-1956), para quem o objeto da psicanálise é a tríade *Real-Simbólico-Imaginário*⁶.

Freud baseia-se na idéia de inconsciente, orientado única e exclusivamente para os derivados das *pulsões* (Freud, 1915). Complementa-se o conceito estabelecendo a relação do inconsciente com o outro enquanto objeto de desejo pelo termo *Wunschphantasie* (Freud apud Laplanche; Pontalis, 1970). Para Freud, o desejo tem sua origem e o seu modelo na vivência de satisfação: “[...] o primeiro desejo (*Wünschen*) parece ter sido um investimento alucinatorio da recordação da satisfação” (p. 172). Daí seguem-se questões sobre a cena do desejo, o recalque na cena, até chegarmos aos desenvolvimentos estruturais do *complexo de Édipo*, cujo herdeiro, o *superego*, é o produto final e objeto da prática clínica freudiana.

Meltzer (1997) entende que Melanie Klein, procurando ser fiel à teoria de Freud, ao desenvolver a noção de *concretude da realidade psíquica*, aplicou-a ao conceito de superego, trazendo a situação edípica para fases mais precoces do desenvolvimento. Klein inicialmente procurou desenvolver o aspecto materno do superego, elaborando de outra forma o conceito de ideal do ego, mas deixou de lado esse desenvolvimento e acabou teorizando sobre os objetos internos maternos e paternos, sua versão do superego freudiano e, para ela, o *objeto da psicanálise*. Melanie Klein (1925) dá ao conceito de *fantasia inconsciente* um significado preciso, definido como a mais primitiva representação mental da pulsão. Ela centraliza o doutrinal teórico da fantasia inconsciente no estatuto teórico da *identificação projetiva* (1946), fonte alucinatoria comum para os fenômenos mentais e a repetição.

⁶ Para Lacan, o objeto é aquilo que suporta o sujeito precisamente no momento em que ele tem que defrontar-se com sua existência na linguagem.

Melanie Klein (1926), seguindo Freud, necessitou dos sonhos como produções simbólicas para localizar e esclarecer a qualidade dos objetos internos. Também fez uma tentativa de definir com mais precisão a transição do que Karl Abraham (1927) chamou de objetos parciais a objetos totais. Tentativa que não se pode dizer bem-sucedida. Entretanto ela descreveu os movimentos psíquicos básicos, as posições esquizo-paranóide e depressiva (Klein, 1935, 1946), parecendo que as faria coincidir, respectivamente, com os objetos parciais e totais, mas não foi assim que ocorreu. As posições são movimentos psíquicos, não são objetos internos, são funções da mente ligadas à transitoriedade entre os estados mentais, muito úteis na percepção do que ocorre nos sonhos e na percepção de que um real trabalho analítico está sendo realizado.

Lacan (1967-1968), apesar de discordar dos objetos totais, sempre teve Melanie Klein como uma de suas principais interlocutoras e expressivamente concorda com ela em relação ao primitivismo da fantasia: “Damo-nos conta de que é precisamente nos níveis pré-genitais que temos de reconhecer a função do Édipo. É nisto que consiste a psicanálise [...] como consequência, não há qualquer experiência edipiana na análise. O Édipo é a moldura na qual podemos regar o jogo [...]” (p. 28). A tríade Real, Imaginário, Simbólico segue e determina a regra do jogo psicanalítico, no qual Lacan acompanha o trajeto do Sujeito até suas produções simbólicas, definindo seu sintoma. Os sonhos em seu trabalho seguem o mesmo doutrinal de Freud e Klein.

A transferência como um sonhar: escutando todo material como sonho

Bion retomou o ponto que havia sido deixado de lado por Klein: a origem materna do superego. Tentando compreender este aspecto do funcionamento psíquico, foi bem além e mostrou a que ponto a formação do psiquismo como um todo depende inicialmente da *função materna: a reverie* (Bion, 1962a), um mecanismo derivado da *capacidade para sonhar* e de certa forma coincidente com ele. Na *reverie* bem-sucedida, a mãe recebe as identificações projetivas do bebê (Bion as entende primariamente como comunicações de necessidades e não mecanismo de defesa) e as devolve de forma adequada. Por sua vez, o bebê introjeta e se identifica com esse mecanismo, dando-lhe gradualmente características próprias: a singularidade.

Esse desenvolvimento permitiu a Bion usar os sonhos de forma ampla e distinta de Freud, Klein e Lacan. Podemos citar basicamente um aspecto: não se

trata mais de produção simbólica como produto final do sonho, mas do *vínculo* (Bion, 1959, 1962b) em si, ficando a finalidade do trabalho analítico muito mais concentrada na *função do sonhar* do que no conteúdo dos sonhos. Nesse sentido, para Bion, o *pensar é sonhar*, a forma fundamental de processamento psíquico, que pode ser estudado desde o âmbito materno até sua extensão nas mais diversas relações. Para tal, Bion ampliou o conceito de *reverie* com o estatuto constante de *incógnita*. Ele criou o termo *função-alfa* (Bion, 1962a, 1962b), acompanhando a distribuição desta função dentro da mente com o auxílio de outras funções tais como a *intuição* (Bion, 1957a e b, 1970, 1992), a *função social* e as funções do *corpo*. Esta articulação permite acompanhar o material analítico sem idéias preconcebidas por otimismo, excesso de confiança ou pessimismo e outros estados mentais que tiram o analista da realidade da sessão.

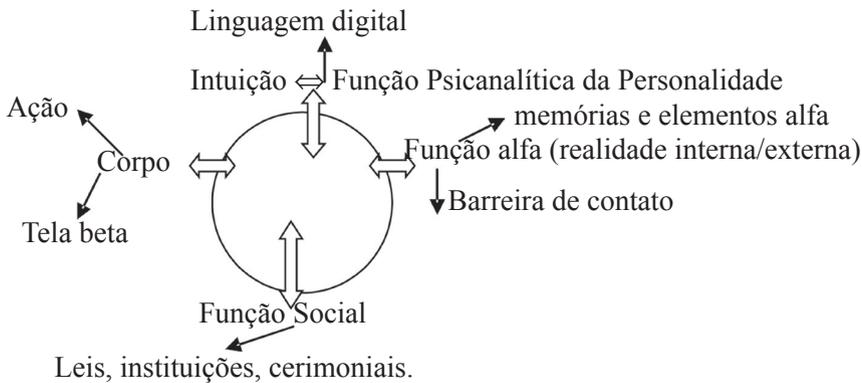


Gráfico 3: Distribuição da função-alfa no aparelho psíquico com suas funções de suporte e destinos (Chuster, 2005).

No sentido geral, o analista lida com *limites da capacidade humana* e basicamente com o fato de que a capacidade para sonhar depende da capacidade de não se deixar suplantar pela natureza perturbadora e turbulenta do que está sendo sonhado. Com isto, Bion esclareceu a fundamental participação do analista em sonhar os sonhos não sonhados pelo analisando e também em sonhar os sonhos interrompidos. Trata-se de uma interação continente/conteúdo (Bion, 1959) bem-sucedida psicanaliticamente. O analista se situa na relação analítica com sua função alfa própria e ao mesmo tempo recebendo as comunicações da função alfa do analisando. Falhas e acertos da função situam-se ao mesmo tempo.

Função alfa, indeterminação e experiência emocional

A compreensão proveniente da teoria da função alfa estabeleceu claramente que algo de novo e desconhecido está sempre emergindo no processo analítico. Com isto foi possível observar a evolução da história natural do processo analítico de outra forma, entendendo o movimento da transferência representado por formulações ou argumentos de configurações espiraladas que vão variando em seu diâmetro, isto é, com a extensão e o tipo da *experiência emocional* (Bion, 1962b).

A experiência emocional envolve sempre três vínculos (Bion, 1963): Amor (L), Ódio (H), sede de Saber (K), não se submetendo à conhecida dialética entre contrários que provém da filosofia.

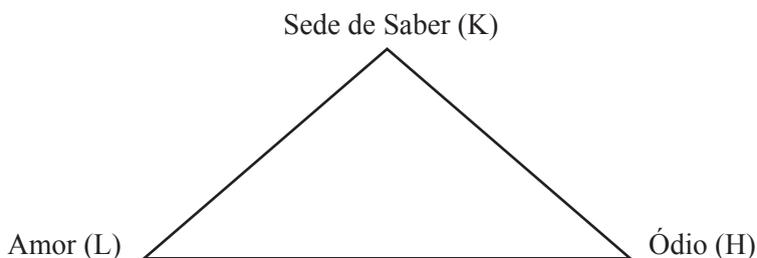


Gráfico 4: Modelo gráfico da experiência emocional (Chuster, 2005).

Trata-se de uma teoria dos afetos intrinsecamente psicanalítica, tridimensional, possibilitando visualizar, por exemplo, que o sentimento de amor nem sempre é o contrário do ódio, isto é, muitas vezes, e talvez na maioria delas, onde termina o amor começa a indiferença ou o puritanismo (-L). Da mesma forma, onde termina o ódio podemos encontrar a hipocrisia (-H) cuja expressão mais contundente é o maniqueísmo político e religioso, sustentáculo dos fundamentalistas de todas as correntes. Finalmente, o negativo da Sede de saber (-K) não é a ignorância, mas o farisianismo, baluarte do conservadorismo obtuso tão a gosto do *Establishment* (Bion, 1970) científico e religioso. Portanto não se trata de quais objetos estão relacionados, mas sempre da relação que existe entre os objetos.

Os desdobramentos desta compreensão são muitos e têm sempre uma *dimensão ética* proeminente, nos fazendo perceber e entender que as experiências emocionais não são lineares e a ética existe como condição do humano, por isto não pode ser levada para o plano do maniqueísmo, nem da dialética elementar, nem permite usar a psicanálise para justificar fanatismos. Como psicanalistas, é preciso se opor a qualquer predominância da ação sobre o pensar, pois se o pensar decai,

nos tornamos presas fáceis do *Establishment* político ou de meios institucionais fundamentados na eficácia da violência e da mentira.

Um novo paradigma: sujeito do inconsciente e transformações

O conceito de experiência emocional possibilitou trabalhar a perspectiva edípica de uma forma mais ampla, abrangendo duas versões: a versão elemento-alfa e a versão elemento-beta. O vínculo analítico necessitou então de uma *nova forma de observação* que Bion desenvolveu através de uma *teoria das transformações* (Bion, 1965). Mais uma vez notar-se-á a opção de Bion por um modelo espectral de observação.

A princípio, essa maneira nova não é facilmente perceptível, pois a essência da teoria das transformações dá continuidade aos diversos conceitos do sistema de idealismo transcendental kantiano que Bion vinha utilizando. A presença deles continua perceptível, contudo, nas idéias mais consistentes, uma nova forma emerge, pois é possível notar a proposta de uma adoção mais efetiva do princípio de incerteza nas interpretações. É possível também notar o princípio de indecidibilidade da origem (na matemática, formulado por Gödel apud Castoriadis, 1999), que se expressa pela idéia central do *O* (Bion, 1965).

A metodologia empregada por Bion propõe trabalhar sempre com dois sistemas comparativos, nos quais a validade do sistema utilizado será testada em outro, aparentemente sem as interferências do primeiro. Essas interferências são nomeadas como memória, desejo e necessidade de compreensão (Bion, 1970).

O referencial matemático da teoria das funções aplicada à *teoria do pensar* provavelmente foi uma das razões que levaram Bion (1963) a escolher a *geometria projetiva algébrica* como o sistema de verificabilidade para as teorias analíticas. Deste modo, o seio se transforma em ponto, o movimento do seio à boca em reta, os dois seios em dois pontos, a identificação projetiva em hipérbole (Bion, 1965):

É conveniente postular a existência de uma mente representada inteiramente por pontos, posições de objetos, lugares onde alguma coisa costumava estar, ou estaria em alguma data futura. Objetos percebidos no espaço contribuem para a transformação desses elementos (análogos a (ξ) ou não-coisas específicas) (p. 65).

Entretanto, estas transposições com ênfase no parâmetro *espaço* encobrem o fio condutor do texto, que é a novidade da questão que podemos chamar de

significado do tempo-espaço, absolutamente implícita em todas as descrições de transformações que ele faz. Também, para descrever as transformações do significado do pensar e da criação de pensamentos, Bion, ao usar a metáfora kleiniana “distância em que um objeto é projetado pela intensidade da identificação projetiva” (Chuster, 1999, p. 144), ressalta apenas o parâmetro espaço.

O conceito verificador *matemático* da identificação projetiva, a hipérbole (Bion, 1965), expressará na transposição para o sistema projetivo algébrico, e de acordo com o aumento do ângulo, intensidade e tempo de duração, o tipo de transformação. À medida que a projeção vai aumentando de intensidade, produz uma maior distorção perceptiva do objeto: *transformação em K* \Rightarrow *transformação em moção rígida* \Rightarrow *transformação projetiva* \Rightarrow *transformação em alucinoses*⁷ (Bion, 1965).

A *transformação em K* (Bion, 1965) refere-se aos processos de conhecimento em geral. São pensamentos que foram pensados por um pensador em algum momento. Esses pensamentos criam um saber que instala uma cisão temporal: um antes e um depois do saber. Isto é, o tempo do saber desdobra o presente em duas direções heterogêneas, pois uma lança-se no futuro e outra cai no passado. Trata-se de uma *temporalidade referencial*, que possui um grau menor de falsificação da verdade e de negação da incompletude de todo conhecimento, mas ainda assim o tempo pode ser usado como sinônimo de saber e não de incerteza. Quando a incerteza se mantém, existe a possibilidade de uma transformação que Bion (1965) denomina de $K \Rightarrow O$.

A *transformação em moção rígida* (Bion, 1965) corresponde à definição original de Freud (1920) sobre a transferência: idéias, sentimentos, emoções do passado são transferidos no presente, com incômoda fidelidade, à pessoa do analista. Mas podemos dizer que corresponde também a um predomínio na mente de um sentimento de nostalgia, decorrente de uma perda real ou imaginária de um objeto. O passado torna-se, assim, uma presença constante e tende a substituir o presente, como uma irremediável ausência. Uma *temporalidade circular* resulta do movimento que ocorre entre um *ser-móvel* no presente e um *ser-ausente* no passado ou vice-versa. Esses sentimentos refletem-se num significado que pode freqüentemente se manifestar como uma sensação de aprisionamento numa decepção, ressentimento, ou na formulação que descreve um estado mental sem saída.

⁷ Podemos colocar essa visão numa espécie de gráfico, embora ele seja apenas uma metáfora, pois deve ficar claro que os conceitos de Bion não são matemáticos. A matemática entra aqui apenas como linguagem que transporta questões que fazem parte do pensamento e do pensar de qualquer atividade humana.

A *transformação projetiva* (Bion, 1965) corresponde à definição de Melanie Klein (1946) para a fantasia inconsciente. Ela expressa as dificuldades de se usar a linguagem adequada na análise e traduz uma visão de mundo dominado por forças tirânicas e incontroláveis. O veículo de atuação da linguagem inadequada pode ser o meio corporal, no qual encontramos um espectro que abrange a variada gama de ações humanas até as somatizações e as chamadas doenças psicossomáticas. A lógica do tempo é oscilatória (*tempo oscilatório*), e cada ação tem uma reação igual e contrária, mas elas não são perceptíveis de forma direta. É grosseiramente comparável a uma infiltração de água numa parede. Não sabemos onde começou, mas sabemos que a água não devia estar correndo por ali. Todavia, em alguns indivíduos, a *infiltração* aparece sob a forma de expressões artísticas.

A *transformação em alucinação* (Bion, 1965) emerge do conflito com o fato inexorável em todos os fenômenos: a duração do tempo jamais pode ser totalmente controlada. Se a consciência dessa impossibilidade não é tolerada, cria-se uma premissa falsa como oposição, para isto é necessário fragmentar-se o todo, e, por uma lógica moral, vai se desfazendo a integração dos vínculos da experiência emocional, o que acaba produzindo o sentimento de *atemporalidade*, não no sentido da inexistência do tempo, mas do *estado confusional*, em que passado, presente e futuro são misturados e acompanhados de um sentimento de verdade. As *transformações em alucinação* são as mais características do sentimento de inveja mais atuante e promovem a predominância do princípio do prazer sádico derivado das demandas de um superego primitivo e o excesso de sensorialidade (com estimulação, no analista, de memória e desejo, incluindo o desejo de dormir), gerando uma posição predominante em que surgem valores que favorecem a atuação e desconsideram as conseqüências. Muitos pacientes dominados por inveja travam verdadeiras guerras para provar a superioridade moral das transformações em alucinação sobre as transformações em O. Esse confronto ou *rivalidade com O*, como Bion (1965) a denominou, constitui parte significativa dos problemas inescapáveis ao trajeto evolutivo do psiquismo humano representado por Freud de forma ampla no mito edípico, sobretudo na metáfora que é a encruzilhada de Tebas.

A *transformação em O* (Bion, 1965) distingue-se das demais por não ser hiperbólica. Transcorre apenas no eixo temporal e tem o significado que pode ser traduzido pela ação *como chegar a ser o que se é* (subtítulo do livro de Nietzsche, 1888, *Ecce homo*). Ela é a transformação em que o significado adquirido realiza a existência da *verdade* do sujeito. *O sujeito torna-se significado* ao invés de apenas saber sobre si mesmo. A temporalidade é muito próxima da que existe no inconsciente: o sujeito aproxima-se de ser aquilo que sempre deveria ter sido. Entretanto, como a própria expressão indica, tornar-se significado pressupõe etapas

que seguem ciclos de negatividade. A *transformação em O* é uma consequência final dos ciclos de negatividade que fazem do significado a característica do sujeito, mas também seu *limite*. É específico do significado que seu valor derive sempre da diferença com o não-eu. Portanto, o *limite* não é o que separa um elemento dotado de consistência própria de outro elemento igualmente consistente em si, mas é o princípio constitutivo dos próprios elementos.

A forma primordial de negatividade na *transformação em O* é a *violência do significado*. Ela tem expressões distintas nos estágios *pré* e *pós*-catastróficos. Suas inter-relações configuram o conceito de *mudança catastrófica*⁸ (Bion, 1965). As mentiras têm por objetivo se opor às mudanças catastróficas, gerando uma violência em outro nível.

O processo analítico e a técnica: capacidade negativa e ato de fé

Meltzer (1997) destacou que, se com Bion o processo analítico passou a ter uma história própria, uma evolução característica não especialmente dependente de quaisquer configurações da fantasia e de relações de objeto do passado, ele ficou muito mais complicado, porém bem mais interessante. A complicação, ou melhor, a *complexidade*, pode ser ilustrada pela questão da busca do estado mental adequado para o analista trabalhar. Ao tentar aprofundar a técnica de Freud da *atenção livremente flutuante*, Bion (1967) colocou-a inicialmente em termos do trabalho sem memória e sem desejo e depois (Bion, 1970) também formulou as expressões *capacidade negativa* (que seria a necessidade de tolerar as incertezas, as meias-verdades, e os mistérios, sem a tentativa ansiosa de se chegar ao fato para alcançar entendimento) e o *ato de fé* (Bion, 1970).

Ambas as expressões expressam de forma mais radical o que pode ser chamado de metapsicologia do *O*. Em primeiro lugar, elas podem ser entendidas como uma forma de desacreditar o ideal de ciência, exceto no sentido de que a

⁸ No *pré*, temos uma fenomenologia que consiste em aparente ausência de emoções, falta de sinais de mudança externa, predominância de sintomas *hipocondríacos* (incluindo o sentido comum das somatizações), a violência é teórica, confinada aos fenômenos do *insight* analítico, o material do analisando presta-se a interpretações baseadas em teorias kleinianas da presença da identificação projetiva nas ligações entre os objetos externos e internos, o discurso do analisando sugere que seu comportamento aparentemente civilizado estaria causando grande transtorno ou destruição – ao qual o analista fornece interpretações que indagam estas características que o analisado julga violentas. No *pós*, as características são emoções perceptíveis e despertadas no analista, os elementos hipocondríacos diminuem, a mudança se expressa como experiência emocional, a violência é manifesta, parece estar faltando racionalidade ao analisando, o analista busca invariantes e tem que demonstrar que os objetos internos transformaram-se adquirindo novo *status* no mundo externo e no material. Por exemplo, um *pigarro nervoso* transformou-se em algum ato hostil na realidade externa.

psicanálise e a ciência partilham o *ideal de encontrar a verdade*, que é alguma coisa desconhecida, oculta por trás de todos os objetos. A própria escolha de palavras que Bion fez já realiza essa tarefa no nível léxico: ao leitor desavisado nada parecerá tão pouco *científico e psicanalítico* quanto *ato de fé e capacidade negativa* (Bion, 1970) como equivalente da capacidade analítica.

Em segundo lugar, ao equivaler tais expressões ao ato psicanalítico, Bion contesta toda e qualquer ciência que se possa buscar como paradigma para balizar a psicanálise. Inverte-se assim um antigo questionamento, do qual Popper (1962), por exemplo, foi um dos exemplos mais marcantes. Não é a psicanálise que deve dar conta da ciência, mas sim formular a questão: o que será uma ciência que possa incluir a psicanálise? Na realidade, a psicanálise é uma atividade de ordem única na história da humanidade, por isto não pode ser incluída nas ciências conhecidas.

A formulação do *ato de fé* mostra que é essencial buscar a existência da verdade, porém a forma como esse caminho se articula na análise não é captável pelos cientistas rigorosos e certamente não pelos psicanalistas clássicos. Ambos veriam nas expressões de Bion a própria anticiência ou a própria antipsicanálise, embora o discurso de Bion seja cientificamente impecável quantos aos princípios fundamentais. Tanto o *ato de fé* quanto a *capacidade negativa* anunciam que o lugar do analista é um *vazio infinito sem forma* (Bion, 1965), sua função é estar em acordo com essa vivência profunda de ausência, – O –, o que não significa que ele analista não esteja lá, como uma pessoa exterior à experiência. O problema técnico é preciso: o analista, caso sinta necessidade de identificar-se como autoridade-analista (possuidor de um saber), no decorrer da sessão, usará memórias, desejos e necessidade de compreensão e assim obstruirá, opacificará o caminho da percepção e do conhecimento da realidade da sessão.

Os efeitos do paradigma indeterminista na escuta e na clínica

Todos que seguiram a direção não-determinista, não-hermenêutica, espectral, apontada por Bion, viram-se escutando os pacientes e falando com eles de uma forma diferente. Perceberam de imediato um aumento da ansiedade em seu trabalho: sentimentos persecutórios, percepções de perigos, possibilidade de violência das emoções, imagens oníricas em busca de um sentido aparecem quando se trabalha sem memória, sem desejo e sem necessidade de compreensão. Alguns interpretaram o que ocorria como vulnerabilidade e rejeitaram o método. A proteção fornecida por memória e desejo impedia também a solidão, pois ambos os elementos mantêm a fidelidade teórica grupal. A máxima socrática, saber que não se sabe, alcançou

uma expressão contundente com o método de Bion. O analista passou a não sentir mais necessidade de registrar o material para uso como memória e a sentir um aumento da realidade dos fenômenos a serem interpretados (objetos psicanalíticos). Também houve um aumento da vivência de singularidade de cada experiência e da própria psicanálise, diminuindo o desacordo acidental em relação aos parâmetros do *setting* e aumentando o nível de comunicação dos assuntos trazidos para a sessão.

Por parte dos analisandos também ocorreram percepções diversas. Pessoas que por ventura vieram fazer uma outra análise de referencial bioniano, estando acostumadas à forma clássica, com frequência se queixavam da falta das interpretações transferenciais deterministas ou rotineiras, e alguns se queixavam de o analista estar conversando com eles sobre quaisquer assuntos. Outros até achavam que falavam com o analista sobre assuntos que não tinham nada a ver com análise e, subitamente, quando deste *nada a ver* surgia uma interpretação, a turbulência (Bion, 1970) era inevitável⁹, mas sobretudo foi a percepção mais clara que o método traz de que a análise está dentro das pessoas que fez o paciente se interessar mais pelo processo e pelo conhecimento de sua mente.

O trabalho do analista passou a ser visto como algo que não pode ser descrito simplesmente pela interpretação, é preciso valorizar o potencial da experiência emocional subjacente e seus significados dentro do processo de *pensamento* em si. Deste modo, o processo analítico passou a usar mais construções para *descrever* a complexidade dos processos mentais, estados mentais transientes, ou seja, passou-se a estudar toda a metapsicologia, sempre levando em conta que estamos vendo facetas de *O. As qualidades oníricas deste tipo de linguagem, que não é diretamente psicanalítica, como a de um mito ou de um sonho, atendem à imaginação do analista*, que pode se permitir, como faz um escritor, ir passo a passo descrevendo seus personagens, vivendo a surpresa de suas falas, na medida em que a trama se desenvolve de forma imprevisível.

Na realidade, os aspectos dinâmicos, que tiveram tanta importância na interpretação psicanalítica, foram perdendo a importância à medida que se assumia o indeterminismo e a instabilidade das funções psíquicas: a mente é um sistema transiente que não comporta visões ou interpretações repetidas; *o que se tornou conhecido passa a ser falso ou irrelevante para o processo analítico*. Esta posição ficou muito clara em *Atenção e interpretação*, quando Bion (1970) destacou a grande rotatividade das dinâmicas mentais em função da relação com a *verdade* e com a *sensibilidade*. À medida que os estados mentais se desdobravam e se

⁹ Uma analisanda descreveu esta experiência comparando o analista a um bruxo que vai mexendo o seu caldeirão da história e, após colocar as coisas mais estranhas e sem ligação umas com as outras, sempre surpreende com uma novidade.

desenvolviam, a dinâmica mudava, requeria outras possibilidades interpretativas, e o analista se via acompanhando o paciente numa situação sem passado e sem futuro, apenas referida ao desenvolvimento presente do pensar. Pouco depois Bion utiliza o termo *cesura* (1971), retirado de uma citação de Freud (1926), destacando as questões envolvidas quando se assume que a psicanálise é um constante trânsito de um estado mental para outro.

O estudo dos distúrbios do pensamento em função da opacidade causada por memória, desejo e necessidade de compreensão exige um exame detalhado dos usos que o analisando faz da linguagem, isto é, um estudo da forma como expressa seus pensamentos. Por sua vez, este estudo envolve a questão da *mentira* e de todos os processos envolvidos numa *Grade negativa* (Bion, 1965) – tais como as transformações em alucinação, as incontáveis falsas premissas que regem muitas lógicas do dia a dia e os projetos de produção da própria morte que adquirem vários disfarces (Chuster, 1999)¹⁰.

Também ficou claro que, à medida que a história do paciente evoluía em virtude dos tipos e ciclos de transformações que ocorriam, sua história mudava em virtude da liberdade e da maturidade que o paciente poderia atingir. Isto é, o ganho de autonomia faz com que as interpretações da história infantil dêem lugar a uma história inteiramente diferente, uma história de vida, que conduz naturalmente a uma nova visão, não mais referida ao conflito entre o princípio do prazer versus o princípio da realidade, mas em termos de *três princípios de vida*: a) sentimentos, b) pensamentos antecipatórios, c) Sentimentos + pensamentos antecipatórios + Pensamentos (previsão ou prudência nas ações) (Bion, 1979).

Esta foi uma evolução da teoria que passou despercebida a muitos, mas que permite uma significativa mudança no trabalho analítico ao gerar um enfoque mais profundo na *ética de pensamento* que está operando na vida mental do analisando. Também implicou na predominância do uso de *princípios ético-estéticos* (Chuster, 1999) sobre o uso de modelos, com isto possibilitando uma análise mais ampla dos valores que se encontram *confusos*, no lugar do enfoque clássico preferencial nas ansiedades primitivas. Esta visão foi corroborada por Meltzer (1997), que também agregou uma evolução importante, diferenciando duas grandes categorias:

¹⁰ A *complexidade* destes processos se sucede continuamente: a *verdade* é inatingível. Não há nem mesmo definição do que seja isso. Não adianta buscar o consenso universal, a teoria da evidência, a convenção entre as pessoas, o critério de convergência intelectual ou o pragmatismo pelo sucesso. Todos os critérios se reduzem a hipóteses filosóficas sobre a teoria do conhecimento ou sobre a epistemologia propriamente dita. Uma solução é utilizar a verdade não como modelo, mas como metáfora, tal como postulou Paul Ricoeur (1943): “A verdade metafórica nada mais é do que uma faceta da *complexidade* que é preciso levar em conta nessa visão da análise como função da personalidade” (Grifo meu; p. 43).

a *intimidade* da vida de relação e as atividades da vida que são chamadas de casuais ou contratuais – ou *adaptativas*.

Se já estava claro que a psicanálise tinha pouco a ver com os processos de adaptação social e com aspectos contratuais e casuais da vida mental, esta clareza ficou ainda maior através da ênfase que o trabalho de Bion dá à *intimidade do pensamento*. Como pontuou Meltzer (1997), não significa que a psicanálise não possa oferecer ajuda nessas áreas, mas melhorias na vida emocional e íntima podem resultar numa má-adaptação, na medida em que podem levar a uma recusa de qualquer adaptação sentida como degradante para a área íntima.

O avanço dessa posição possibilitou uma visão da análise como atividade que não pode ser meramente fornecida ao analisando como um tratamento médico, mas sim como um processo para desenvolver uma *habilidade* humana, que pode ser trazida à tona por certos parâmetros (*setting* analítico) criados para tal intenção. Esta afirmação destaca o distanciamento dos modelos médicos e entende que a análise está *dentro* das pessoas como *função psicanalítica da personalidade* (Bion, 1962b), é variável quantitativamente e qualitativamente, havendo pessoas que são mais analisáveis do que outras, e até a mesma pessoa oscila de um dia para o outro em analisabilidade. Embora seja possível referenciar essa analisabilidade variável à presença maior ou menor das manifestações transferenciais que advêm da *parte psicótica* (Bion, 1957a) da personalidade (ou das realizações narcísicas), a afirmação levanta uma série de problemas extensos e complicados. Talvez envolva toda uma revisão da teoria psicanalítica, que veio se desenvolvendo desde o trabalho *Sobre arrogância*, quando Bion (1957b) faz uma ousada releitura do *mito de Édipo*, que desloca a ênfase na sexualidade para a presença da parte psicótica da personalidade, descrita no centro do complexo nuclear da neurose. Com isto, Bion valoriza todos os personagens do mito de Édipo, faz dele o exercício fundamental de treinamento da intuição analítica e situa a psicanálise numa *ética trágica*, relacionando-a com a busca incessante da verdade que não pode ser encontrada.

Os desenvolvimentos posteriores desta releitura vão mostrar que onde Freud vê a dissolução do complexo de Édipo, Bion propõe que se veja a evolução do complexo de Édipo, apontando para o longo caminho que o ser humano ainda tem que trilhar em direção a adquirir autonomia social (daí que Bion coloque em oposição não o narcisismo versus Édipo, mas o narcisismo versus o social-ismo).

De qualquer forma, se postularmos e constatarmos que algumas pessoas têm mais habilidade do que outras para análise, poderemos questionar diversos critérios estabelecidos, como, por exemplo, o número de sessões necessárias para o processo desenrolar-se. Como fazer uma avaliação da função analítica da personalidade e de sua extensão dentro das pessoas?

Conseqüência da ética trágica: imaginação e capacidade interpretativa

O processo analítico com enfoque preferencial no movimento de *expansão* mental sobre as questões da *repetição* demandou uma necessidade constante de se construir o que se pode chamar de *interpretações criativas*, que dependem por sua vez totalmente da capacidade imaginativa do analista e também de seus critérios racionais (conjecturas racionais). A interpretação é construída por esses dois referenciais.

Em resumo, se a verdade não pode ser alcançada, nos resta apenas imaginá-la, dentro de um esforço de ambos, analista e analisando, para enfrentar a difícil situação em que se encontram. Na ausência desse esforço, a análise se torna superficial, incoerente em seus objetivos.

De acordo com Castoriadis (1999), o termo *imaginação* possui uma importância e um alcance de pensamento muito maior do que aquele que habitualmente lhe é atribuído. Ele destaca duas conotações do termo: a conexão com *imagem em ação* no sentido amplo, geral e irrestrito (não simplesmente visual), isto é, como arcabouço da forma, e sua conexão com o que se entende por invenção, ou melhor e propriamente falando, por *criação*.

A *pré-concepção*, elemento central do objeto psicanalítico, possui exatamente estes dois pontos de ancoragem da imaginação. Isto é, para Bion (1963), o estudo dos processos criativos, relacionados com diversos elementos da análise tais como pensamento, linguagem, capacidade de mudança, intuição, memória, atenção, etc., tornou-se fundamental. Para abordá-los, Bion (1973, 1975, 1987) formulou a metáfora *mente embrionária* (1973), que ressalta o destino natural e inevitável de constante evolução, e afirma um modelo psicanalítico no qual até mesmo o passado é mais do que repetição, é algo sempre atual, mutável, emergente. Além disso, tal modelo implica numa forma de pensar que leva em consideração tempos diferentes de evolução, com distintos sistemas correspondentes a eles e com uma coexistência imbricada, fonte de verdadeira complexidade e também fonte de *desordem*.

É essa *desordem* (turbulência) (Bion, 1970), derivada da coexistência de níveis diferentes de evolução entre os sistemas que compõem o ser humano, que estabelece uma diferença importante com os modelos de Freud, Klein e Lacan, pois não se trata mais de relacionar todos os fenômenos a uma fonte alucinatória comum (*Wünschen*). No modelo de Bion, simplesmente não existe uma fonte comum. São fontes distintas se inter-relacionando e que fazem de sua opção um modelo completamente *prospectivo* e *temporal*.

Podemos acompanhar a evolução do modelo desde os primeiros trabalhos sobre grupos na década de 40 (a teoria do sistema protomental) (Bion, 1948), mas ele se torna mais significativo com o surgimento da teoria da pré-concepção. O prefixo *pré* ressalta uma fonte inacessível. Daí que Bion (1997) distinga três estados mentais: *inacessível, inconsciente e consciente*.

A princípio esta distinção causa perplexidade, até que se possa entender que Bion está reservando o termo *inconsciente* apenas às descrições de Freud e com isto sugira, sem afirmar, que o inconsciente humano vai mais além do que tem sido até então descrito como inconsciente. Em outras palavras, o inconsciente freudiano faz parte de algo mais amplo, e será sempre mais amplo, por uma razão fundamental: está sempre em *expansão* (Bion, 1987). Deste modo, sua *aparição* é sempre *criativa*, o que significa que não se repete; há uma diferença *temporal* e de *alteridade* em cada concepção. Impossível esquivar-se aqui da *singularidade*.

Em termos práticos, a descrição do que é percebido só começa quando a visão se organiza dentro de uma desordem. É *o pensamento que faz isto*, podendo em seguida desfazer o que foi visto para ver um outro vértice que não pôde ser visto¹¹.

Entretanto, qualquer que seja a interpretação formulada, para ambos, analista e analisando, ela virá tarde demais em relação à expansão do inconsciente. Até mesmo quando se fala de inconsciente, é porque já estamos por fora do assunto. Não há reprise da experiência que nos conduziu à fala. E mesmo que a interpretação forneça uma nova forma, a incerteza, o mistério e as meias-verdades permanecem.

Por exemplo, quando estamos escutando determinado tipo de paciente grave, tal como os que Bion (1970) menciona em *Atenção e interpretação*, aqueles que sentem, mas não sofrem a dor psíquica, ocorre que somos envolvidos por uma espécie de névoa densa e espessa, o campo de investigação escurece, os objetos ficam vagamente perceptíveis, outros parecem não ter conexão alguma entre si. Trata-se de uma situação em que qualquer questão se duplica sobre si mesma: o que

¹¹ Na Física Quântica isto é nomeado de *Princípio de Incerteza* – não se pode observar simultaneamente onda e partícula. Aplicado à psicanálise, o princípio de Incerteza não visa uma matematização psicanalítica, pois diz respeito ao pensamento humano de uma maneira geral e relaciona-se ao ato de interpretar o observado, isto é, com a ação de dar um significado, de trazer à luz alguma coisa que era enigmática. A interpretação não modifica inicialmente o objeto focado – é muito antes o intérprete que modifica, com sua presença, o objeto observado – mas, na medida em que indica uma certa maneira de vê-lo, a interpretação pode modificar, se for aceita, a *organização da visão* e esta pode modificar o sujeito (uma teoria das transformações é fundamental para entender esse movimento). Também fundamental nesse processo é o *fato selecionado* pela interpretação, pois dele depende a visão que se instala. O fato é selecionado pela *função psicanalítica da personalidade*, o que significa ser selecionado pela configuração edípica. Cada analista terá *predileções* por certos vértices, ou por certos vértices comuns a um grupo, ou por uma *escola de psicanálise* (este último termo indica com clareza a submissão a uma figura paterna e os tabus para usar e pensar segundo conceitos de outros autores).

está ocorrendo com o analisando? É o mesmo que está ocorrendo com o analista? Há uma nítida indecidibilidade da origem dos fenômenos.

O que significa então, diante deste estado mental, a comunicação de inconsciente para inconsciente, de Freud (1912), se com tal situação nos deparamos com uma espécie de buraco negro, onde encontramos não propriamente um inconsciente, mas uma consciência incapaz de operar? Sendo ambos humanos, algo nos faz supor que, em virtude de tal natureza, um desastre possa ocorrer. É aqui que o analista, aceitando estar diante do *inacessível*, pode se surpreender com suas *conjecturas imaginativas* (Bion, 1987), isto é, usando sua imaginação produtora. Caso se surpreenda com elas ou se sinta constrangido com o tipo de conjecturas imaginativas que está fazendo, deve se arriscar a prosseguir, não importa o quão estranhas ou deslocadas possam ser – o importante é deixá-las fluir por algum tempo, até que seja possível encarar seu significado.

Considerações finais

Estou de acordo com Meltzer (1997) quando ele destaca que a *essência da evolução* que Bion trouxe para a psicanálise consiste em nos afastar da antiga crença de que o homem é um animal de essência má e invejosa e que a psicanálise diz respeito a um conflito entre o bom e o mau na personalidade, ou que a personalidade está carente de significados que podemos fornecer. Bion nos conduz a uma nova direção que reconhece o ser humano como portador do fardo de ter inteligência para ver seus problemas, sem conseguir resolvê-los (falha das realizações da pré-concepção) e, em consequência, padecer de confusão mental.

Ainda de acordo com Meltzer (1997), entendo que o processo de esclarecimento da confusão é o fator operativo nas interpretações criativas e que trabalhar desta forma é diferente de interpretar processos de cisão como um conflito entre a parte boa e a parte má da personalidade representada ou projetada no analista, ou interpretar que um determinado fato simplesmente ocorre no presente com o analista tal como ocorria no passado. Ao interpretar sistematicamente as confusões, deve ficar clara a diferença face a interpretações que visam favorecer o processo de repressão mais adequada ao superego e que se baseia no conceito de repetição.

A ênfase da interpretação é colocada mais em elementos como o interesse pela própria mente, a compreensão emocional e o esforço de pensamento conjunto de analista e analisando para enfrentar as meias-verdades, os mistérios e a incerteza do mundo como os elementos capazes de superar a confusão.

Podemos mencionar diversas confusões (que aparecem algumas vezes

grosseiramente e outras vezes sutilmente) tais como sonhar com estar acordado, lógica com correção, propaganda com verdade, ética com moral, psicanálise com caso amoroso, formação analítica com curso universitário, colega com psicanalista, lei com divindade, inteligência com esperteza, culpa com responsabilidade, erro com estrago, falha com prejuízo, crítica com depreciação, perda de juventude com envelhecimento, sinceridade com sociabilidade, intimidade com falta de privacidade, amizade com relacionamento social, paixão amorosa com amor apaixonado, pensamentos com pensar, inveja com ciúmes, voracidade com eficácia, resolver problemas com controlar situações, etc. A lista é infindável. Estas confusões sempre têm conseqüências devastadoras no sistema social dos indivíduos, levando-os a graves distorções da ética e do relacionamento humano. No sentido geral, estão relacionadas com más-ações e más-decisões e com dores psíquicas intensas. □

Abstract

The evolution of the psychoanalytical theory and practice: from Freud's experience to these days

The author begins his article by analyzing the legacy of the technique, the huge experience accumulated through the main psychoanalytical theory, which is at the same time the synonym and the reason for existing of clinical practice: the transference. He approaches this topic through the psychoanalytical concept of object, which is understood as the final product of the clinical-theoretical development that defines the singular field where the analyst works, that is, the expression of how and in which material the analyst listens to, builds and applies his/her interpretations. It is how the analyst understands and builds the transference, while he/she preserves a critical referential. The author makes brief comments on some differences among the several authors, but concentrates on the Psychoanalytic object according to W. R. Bion, who he sees as the author that represents an important break with the old paradigms in the evolution of the psychoanalytical practice and theory. The author also includes contributions by Donald Meltzer, which are also present in the author's clinical practice.

Keywords: Bion. Psychoanalytic object. Transference. Psychoanalytical technique. Meltzer.

Resumen

La evolución de la teoría y de la práctica psicoanalítica: desde la experiencia de Freud hasta hoy

El autor parte del legado de la técnica, la enorme experiencia reunida a través de la principal teoría psicoanalítica, al mismo tiempo sinónimo y razón de ser de la práctica clínica: la transferencia. Aborda el tema por medio del concepto de objeto del psicoanálisis, entendido como el producto final del desarrollo teórico-clínico que establece el campo de la singularidad donde el analista trabaja, o sea, la expresión de cómo y en qué material el analista escucha, construye y aplica sus interpretaciones. Se trata de la forma cómo el analista concibe y construye la transferencia, mientras mantiene un referencial crítico. Menciona rápidamente algunas de las diferencias entre los diversos autores mientras se concentra en lo que es el objeto del psicoanálisis para W. R. Bion, autor que considera representar una importante quiebra de paradigma en la evolución de la práctica y de la teoría psicoanalítica. Agrega también contribuciones de Donald Meltzer, igualmente presentes en la práctica clínica del autor.

Palabras llave: Bion. Objeto del psicoanálisis. Transferencia. Técnica psicoanalítica. Meltzer.

Referências

- ABRAHAM, K. (1927). *Teoria psicanalítica da libido*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- BION, W. (1948). *Experiences in groups*, v. 1-4. London: Tavistock.
- _____. (1957a). Differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. In: _____. *Second thoughts*. London: Heinemann, 1967. p. 43-64.
- _____. (1957b). On arrogance. In: _____. *Second thoughts*. London: Heinemann, 1967. p. 87-88.
- _____. (1959). Attacks on linking. In: _____. *Second thoughts*. London: Heinemann, 1967. p. 93-109.
- _____. (1962a). A theory of thinking. *Second thoughts*. London: Heinemann, 1967. p. 110-119.
- _____. (1962b). *Learning from experience*. London: Heinemann.
- _____. (1963). *Elements of psychoanalysis*. London: Heinemann.
- _____. (1965). *Transformations: change from learning to growth*. London: Heinemann.
- _____. (1967). *Second thoughts*. London: Heinemann.
- _____. (1970). *Attention and interpretation*. London: Tavistock.
- _____. (1971). *Two papers: the grid and caesura*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1973). *Bion's brazilian lectures*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1975). *A memoir of the future, 1: the dream*. London: Karnac, 1990.

- _____. (1979). Making the best of a bad job. In: _____. *Clinical seminars and other works*. London: Karnac.
- _____. (1987). *Clinical seminars and four papers*. Abington: Fleetwood.
- _____. (1992). *Cogitations*. London: Karnac.
- _____. (1997). *Taming wild thoughts*. London: Karnac.
- CASTORIADIS, C. (1999). *As encruzilhadas do labirinto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CHUSTER, A. (1999). *W. R. Bion: novas leituras*, v. 1. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- _____. (2005). *A brief survey in the difference between fantasy and imagination in the light of Bion's ideas*. Apresentado no Minnesota Institute of Psychoanalysis, Fev. 2005.
- FREUD, S. (1912). Recomendações aos médicos que exercem psicanálise. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 123-135.
- _____. (1915). Instintos e suas vicissitudes. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 129-162.
- _____. (1923). O ego e o id. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 11-83.
- _____. (1926). Inibição, sintoma e angústia. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 95-201.
- KLEIN, M. (1925). A contribution to the psychogenesis of tics. In: _____. *Contributions to psychoanalysis*. London: Hogarth. p. 117-139.
- _____. (1926). The psychological principles of early analysis. In: _____. *The Writings of Melanie Klein*, v. 1, p. 128-138.
- _____. (1935). A contribution to the psychogenesis of manic-depressive states. In: _____. *The Writings of Melanie Klein*, v. 1, p. 262-289.
- _____. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: _____. *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. p. 313-343.
- LACAN, J. (1955-1956). *The psychoses: the seminar of Jacques Lacan*, v. 3. London: Routledge, 1993.
- _____. (1967-1968). *L'acte psychanalytique*. Buenos Aires: Escuela Freudiana de Buenos Aires, 1995.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. (1970). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MELTZER, D. (1994). *Sincerity and other works. Collected papers of Donald Meltzer*. London: Karnac.
- _____. (1997). In: FRANÇA, M.; MARRA, E. (org.) *Meltzer em São Paulo: seminários clínicos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- NIETZSCHE, F. (1888). *Ecce homo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- POPPER, K. (1962). *El desarrollo del conocimiento científico: conjeturas y refutaciones*. Buenos Aires: Paidós.
- RICOUER, P. (1943). *Le conflit des interprétations*. Paris: Seuil, 1969.

Recebido em 06/01/2007

Aceito em 17/01/2007

Arnaldo Chuster

Rua Visconde de Pirajá, 547/1010
22410-003 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
e-mail: achuster@centroin.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA